

## PELA PORTA OU PELA JANELA? NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE A LUDICIDADE ESCOLAR.

*Cleomar Ferreira Gomes\**

Este trabalho corresponde a uma descrição em moldes etnográficos de uma parte do cotidiano vivido por crianças e adultos da Escola Municipal “José Garcia Villar”, localizada no bairro Interlagos, em Londrina, no Estado do Paraná. Examina-se comparativamente os dados recolhidos da observação participante, de depoimentos e de fotoetnografia, para uma caracterização do comportamento lúdico das crianças, no dia a dia vivido no entorno da escola — por exemplo, em ruas e praças —, no interior escolar, em momentos de aula nas salas e na quadra e em momentos de recreio, no pátio. Faz-se um levantamento dos brinquedos e brincadeiras presentes na vivência das crianças da comunidade e os modos prováveis de sua presença na escola, nos referidos espaços e momentos. Faz-se ainda, com Roger Caillois, uma comparação entre a ludicidade presente nas memórias dos adultos e aquela referida pelas crianças da escola. Constatam-se a existência de conflitos entre a ludicidade infantil vivida no bairro e a que é vivida na escola. Esses conflitos se repetem, sobretudo, entre a sala de aula e o pátio e entre a sala de aula e a quadra de Educação Física. Constatam-se, entretanto, uma resistência das crianças à gestão, direção ou impedimento de suas brincadeiras e impulsos lúdicos.

Palavras-chave: ludicidade – educação física escolar – brinquedo.

---

\*Doutor em Educação e Professor da Faculdade de Educação Física e do Programa de Mestrado em Educação a Universidade Federal de Mato Grosso.

## PELA PORTA OU PELA JANELA? NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE A LUDICIDADE ESCOLAR.

*Cleomar Ferreira Gomes\**

“Quand je serai grand, je m’achèterai  
une  
classe, rien que pour jouer dedans”  
(Le Petit Nicolas, Sempé-Goscinny)

Muitos teóricos escrevem sobre brinquedos e brincadeiras ou jogos de crianças e alguns são consagrados por psicólogos, pedagogos e estudiosos de Educação Física Escolar.

Brincar, para Walter Benjamin (1984), significa libertar-se dos horrores do mundo através da reprodução miniaturizada. As crianças, rodeadas por um mundo de gigantes, criam para si, enquanto brincam, um pequeno mundo próprio, protegido por leis de sua própria cultura. No dizer de Jean Château (1987), a brincadeira/jogo representa para criança o que o trabalho representa para o adulto. Como o adulto se sente forte por suas obras, a criança sente-se crescer com suas proezas lúdicas. A criança quando está brincando não olha em torno de si como o jogador de baralho num café, mas mergulha fundo em sua brincadeira. Segundo Konrad Lorenz (1986), criança gosta de brincar porque a brincadeira é um fenômeno da corporeidade humana. O brincar humano se caracteriza não pela racionalidade, mas pela ludicidade: o *homo sapiens* é, antes de tudo, um *homo ludens*. Silvino Santin (1986), que se apóia em Lorenz, prefere tomar o ato de brincar como sendo um processo criativo vinculado ao fenômeno da curiosidade e quando brinca o homem deixa de ser um ser vivo como os outros seres vivos. Essa valoração do brinquedo ultrapassa o estado biológico instalando a criatividade, que significa a introdução do

---

\*Doutor em Educação e Professor da Faculdade de Educação Física e do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso.

totalmente novo. Tido como um autor clássico sobre o jogo e a ludicidade, Johan Huizinga (1990), considera o brincar como um fenômeno cultural e repetível a qualquer momento, uma ação que introduz na confusão da vida e na imperfeição do mundo uma perfeição temporária e limitada. Já para Roger Caillois (1967), talvez menos filosofando que propondo uma teoria, o jogo ou brincadeira é atividade “livre”: se o jogador/brincador fosse obrigado a jogar/brincar, o jogo perderia sua “natureza de diversão atraente e alegre. Dada e acontecida dentro de certo espaço e certo tempo; não se prevê nem seu desenrolar nem seu resultado, além de deixar o jogador inventar; não produz nem bens, nem riquezas — exceto alteração de propriedade dentro do círculo dos jogadores. Além disso, ainda na palavra de Caillois, a brincadeira é “regulamentada”, por estar sujeita a convenções criadas pelo jogador/brincador, é “fictícia”, há uma realidade outra ou uma irrealidade em relação à vida normal.

As crianças também são capazes de falar sobre brinquedo e brincadeiras. Entretanto quando as crianças tematizam o seu brincar elas demonstram precisar de pouca palavra ou torneio fraseológico. Foi o que pude constatar, ouvindo os alunos de uma escola num bairro de Londrina (Gomes, 2001).

Quando as crianças falam, por exemplo, das diferenças entre brinquedo e brincadeira, elas são simples e claras. Umas associam brinquedo a uma “coisa”:

“— É que brinquedo... tem que usar brinquedo. E brincadeira pode brincar sem coisas. O brinquedo usa coisas e a brincadeira é sem coisas...” (A.R.M./F – 7 anos – 1ª S.)

“— Brinquedo você pega as coisas e brinca. E brincadeira você não brinca com as coisas...” (K.A.C./F – 10 anos – 4ª S.)

Alguns dos guris que relacionam o brinquedo à “coisa” e brincadeira a uma “não coisa” relacionam também o brinquedo à idéia de perda ou “estrago”:

“— É que brinquedo a gente brinca e pode estragar. Agora brincadeira, não. A gente pode brincar até quando a gente quiser... A gente pode trepar em árvore. Brinquedo, não. Brinquedo se a gente joga no chão assim, se é caro, já estraga na hora...” (L.U.A./M – 9 anos – 3ª S)

Muitos associam o brinquedo a coisas que não foram criadas por eles, mas para eles:

“— A brincadeira, a gente que inventa, né? Com o brinquedo, cada brinquedo já tem o tipo de brincar... o brinquedo já vem com o jeito inventado. E a brincadeira, não, a gente inventa, mesmo.” (A.M.G./F – 9 anos – 3ª S.)

“— Ah! Eu acho muita... A brincadeira é feita assim... a brincadeira você inventa, você faz a brincadeira, o brinquedo não! Eles fazem, eles inventam e a gente compra.” (P.E.A./M – 11 anos – 4ª S.)

O mais importante do que dizem as crianças quando tematizam o seu brinquedo e a sua brincadeira, é que elas sugerem, com sua lógica contundente, que a diferença mais flagrante tem a ver com o corporal, com o movimento:

“— Muita diferença! Brinquedo, você brinca mais sentado. Agora uma brincadeira, você já corre. Sua!...” (L.U.S./M – 8 anos – 2ª S.)

“— Por exemplo eu gosto de brincar de Barbie. Aí, eu fico lá parada, eu finjo que a Barbie tá andando, não sei o quê, mas eu fico no lugar. Agora se eu vou brincar lá na rua, daquelas brincadeiras, eu vou correr, eu vou pular, eu posso até cair no chão...” (B.E.P./F – 10 anos – 4ª S.)

O interessante contraste entre o escrito pelos teóricos sobre jogos e brincadeiras e a fala das próprias crianças sobre o seu brincar parece repetir-se no interior do espaço escolar, no que diz respeito às afirmações de professores e alunos. Escola é lugar de brincadeira? Para encontrar respostas para essa pergunta estive observando adultos e crianças de uma escola fundamental (Gomes, 2001). Ouvi professores de sala de aula e professores de quadra, ou seja, aqueles de Educação Física. Depois comparei o que ouvi da meninada sobre seu cotidiano vivido nas aulas de sala e nas aulas de quadra, assim como no bairro, próximo da escola.

A brincadeira na sala de aula quase sempre é dirigida ou sugerida pela professora para resolver questões centradas, principalmente, nas dificuldades dos alunos. São brincadeiras para ensinar a grafia do “r” e do “rr”, para ensinar a entender o que é um “herbívoro”, para dar noção de “tempo”, “ordem”, “seqüência”. Assim, uma brincadeira com bolas de gude tem o objetivo na sala de aula de “fazer o guri aprender a contar”.

Muitas vezes a brincadeira acontece no fim da aula. A finalidade é a ocupação de um tempo livre para não perturbar os colegas e principalmente a professora. Ou então pode significar uma trégua no trabalho intelectual, sugerido pelos meninos e entendido pelas professoras como descontração, distração, ou seja, uma espécie de “refresco”. Eis algumas vozes de professores que exemplificam:

“— Aqueles que vão terminando, ao invés deles ficarem conversando alto ou andando pela sala. (...) brincam ali no canto... Às vezes tem um gibi (...) Figurinha (...) São brincadeiras que não atrapalham. (...) (E.L.E./F — 28 anos)

“— Por exemplo... você trabalhou Português Matemática, já estão cansados, né? Então é um momento de distração, um momento de participar em grupo... pra dar um refrescada...” (R.S.I./F — 28 anos)

Pela escuta dos professores de quadra, isto é, dos professores de Educação Física da escola, a brincadeira ou comportamento lúdico das crianças tem certas especificidades. Há professores que enxergam na brincadeira do aluno uma demonstração de agressividade ou mau gosto. Empurrar, chutar, meter o pé, puxar o cabelo, são os verbos mais citados por eles. Há também aqueles professores que enxergam no gesto do aluno sinais de um excesso de energia que é preciso “controlar”. Assim se expressam dois professores de quadra:

“— Eles têm muita brincadeira de mau gosto... como empurrar, chutar, machucar, de meter o pé um no outro. Daí eu sento todo mundo e faço aquele sermão...” (P.A.T./F — 27 anos)

“— O moleque... não agüenta ficar ali dentro. Ainda mais no calor, né? (...) À hora que você chega na porta eles querem voar em cima de você pra sair. À hora que chega lá fora, a energia é tanta, o gás que eles têm é tanto, que se você não der uma atividade, assim, pra eles gastarem (...) você não consegue controlar não, meu!” (E.D.G./M — 35 anos)

Quando os adultos se referem aos meninos no pátio, parecem falar de um de bando mais ou menos incontrolável que ali se forma não só para brincadeiras, mas também para brigas, pontapés, “correr feito uns doidos”, xingamento, empurra-empurra, enfim, um ajuntamento de endiabrados.

As oposições entre o que falam os professores de sala e de quadra e o que falam as crianças não aparecem, assim, com as primeiras constatações.

Quando as crianças falam das brincadeiras na sala de aula, elas parecem repetir a fala dos adultos, aquilo que os professores consideram correto. A aula não é brincadeira e brincadeira não é aula. Brincadeira só pode “do jeito da tia”. Estas falas mostram que os alunos já “declaram” a lição:

“— A professora não gosta que brinca na sala porque ela acha muito ruim e a escola não é feito pra brincar, é feito pra estudar...” (L.E.S./M — 7 anos — 1ª. S)

“— Não pode brincar muito na sala de aula que leva bronca... É difícil a Professora fazer alguma brincadeira. O que ela faz é brincar de Bingo de tabuada.” (C.E.A./M — 10 anos — 4ª. S)

Entretanto, pelo que pude ouvir e já parece sabido pelo senso comum, os meninos brincam escondido, longe dos olhos da professora que não sabe ou finge que não sabe dessas peripécias clandestinas. Basta que a “tia” vire as costas. A sala vira um pandemônio, com meninos e meninas correndo, fazendo pega-pega, subindo em carteiras, gritando e gargalhando... até a “tia” voltar da secretaria.

Conforme o que pude ouvir, quase tudo que as crianças fazem na quadra da Educação Física é chamado por elas de brincadeira. Mas para seus professores “de quadra”, tudo é “exercício” ou atividade séria, planejada, organizada e dirigida. Só podem brincar quando o professor deixa. Eis o que dizem dois dos alunos:

“—Um dia nós pediu pra tia deixar a gente brincar de Cair-no-poço. ‘Deixa, Tia, deixa?’ ela falou : ‘Não pode não, fia. Aqui é uma escola, não uma rua...’” (D.A.H./F — 10 anos — 2ª. S)

“— Começando, toda vez (...) ela dá um Rela-aumenta, um Pega-pega-americano pra gente brincar pra aquecer o corpo. (...) Aí depois nós vai fazendo os outros trabalhos.” (A.M.D./F — 9 anos — 3ª. S)

Algumas vezes o professor de Educação Física permite que as crianças façam aquilo que elas chamam de brincadeira “normal”. Mesmo assim, para o professor, esses são momentos de “aquecimento” ou mesmo “volta à calma”. Um exemplo pode bastar:

“— Ela marca o tempo pra poder brincar normal e às vezes ela dá tempo livre, pode fazer o que quiser. (...) No começo ela trabalha mais o que ela já planejou, né? e daí, depois no meio da aula ou no fim, ela dá brincadeira livre...”(C.A.A./F — 12 anos — 4ª. S)

Parece estar nas referências às brincadeiras de pátio ou de recreio as diferenças do que é referido pelos professores em geral. O pátio, mesmo sendo livre das tarefas de sala e de quadra, não é lugar para a brincadeira livre que os guris chamam de “normal”. A brincadeira do pátio, por ser semelhante ou sugerir à brincadeira de rua é um perigo! Precisa ser vigiada pela tia especializada em vigiar recreios, ajudada pelos outros tios em outros momentos diferentes de recreio. Os meninos contam como é essa administração nem sempre conseguida, de seu tempo e espaço de recreio:

“— A tia não gosta que a gente corre. Correr pra tia é um inferno. Por causa que a gente pode cair, machucar e tropeçar, depois a responsabilidade é da escola...” (A.L.F./F — 9 anos — 4<sup>a</sup>. S)

“— Elas fala, todo mundo fala que não é pra correr, que não é pra correr, mas todo mundo corre... Não tem jeito de não correr...” (M.A.D./M — 8 anos — 2<sup>a</sup>. S)

“— Ela implicava que nós não corresse e colocava nós de castigo. Ela me colocava de castigo e eu saía... Eu saía correndo...” (S.I.F./M — 9 anos — 3<sup>a</sup>. S)

Por outro lado os comportamentos rotulados de “agressivos” e “violentos” pelos professores, para os alunos não passam de uma gostosa brincadeira. Nada parece ser visto pelos adultos como natural, criativo ou alegre no comportamento da piazada no pátio. Eis aqui alguns depoimentos bem eloqüentes:

“— Por exemplo, as meninas brinca de tentar pegar os meninos. Aí, quando pegou todos, aí os meninos pega as meninas...” (J.E.B./F — 8 anos — 2<sup>a</sup>. S)

“— E uma vez, que eu vi, tava uns moleque ali perto da árvore dali e tavam brincando, não sei, parece com uma garrafa (...) eles estavam brincando de chutar. Daí a que cuida do lanche pegou...” (M.A.D./M — 8 anos — 2<sup>a</sup>. S)

“— A gente vivia gingando Capoeira. Mas só que agora o tio (...) falou assim que também é uma coisa que a gente pode cair, quebrar o braço, (...) Agora nós maneramos de brincar de Capoeira...” (A.L.F./F — 9 anos — 4<sup>a</sup>. S)

“— Não pode judiar dos amigos, não pode sujar as paredes, não pode jogar o prato no chão, entortar as colheres da merenda...” (N.I.T./M — 6 anos — 1<sup>a</sup>. S)

O interdito, no pátio e nos momentos de recreio, das brincadeiras que sugeriram ou se pareçam com aquelas “de rua” veio mostrar que os adultos da escola fazem das crianças de hoje um retrato bem diverso do retrato que eles fazem deles próprios, de tempos que eram outros. Quando falam das crianças e suas brincadeiras fora da escola os professores falam também de violência, de brinquedos comprados prontos, automáticos ou eletrônicos. Dizem que “as crianças de hoje já não inventam mais”, que são influenciadas pela televisão, pelos videogames. Há um tom de nostalgia da infância que não volta mais — a deles, sim, cheia de brincadeiras —, somado a um tom de depreciação da infância “perdida” das crianças de hoje — a delas, não, sem mais brincadeiras:

“— os brinquedos são também muito diferentes. Eu acho que tudo copia da televisão.” (S.O.L./F — 30 anos)

“— Hoje as brincadeiras deles são agressivas. É de Ninja, é de não sei o quê. Você só vê pé voando!” (M.A.L./F — 45 anos)

São em número de 9 as brincadeiras que os professores afirmam que as crianças — seus alunos — brincam quando estão fora da escola, ou seja, no seu grupo familiar ou cultural de pertença: Corrida, Figurinha, Tazomania, Videogame, Game-de-mão, Computador, Televisão, Carrinho-de-controle-remoto e Dança (Tchan, Pagode, Axé).

A escuta das crianças, veio mostrar, finalmente, o contraste mais forte que há entre o que vê e julga o adulto e a realidade vivida e referida pela criança.

Quando as crianças aqui consideradas se referiram às brincadeiras fora da escola, elas falaram de bonecas e carrinhos inventados, bichos construídos, mobílias fabricadas, comidinhas, armas poderosas, fazendas enormes, balanços... Brincam com os vizinhos, os primos, os outros moleques, as outras meninas. Brincam de dois, de três, de muitos, de todos que chegarem... Brincam em varandas, quintais, campinhos praças e ruas, em quase todas as ruas do bairro.

A quase totalidade, dos alunos considerados, afirmaram gostar/preferir/brincar nas ruas do bairro, e os porquês podem ser compreendidos nestes exemplos:

“— Às vezes eu fico na rua brincando. Eu gosto mais de brincar na rua porque lá tem muita gente que eu conheço e num conheço e assim a gente vamos tendo muito mais amizades...” (L.E.S./M — 7 anos — 1ª. S)

“— Na rua. (riso) Ah! Que na rua todo mundo pode sair, brincar à vontade. Em casa, quando eu quero brincar com uma brincadeira que é de mais amigas, não pode levar pra casa... fica muita bagunça...” (A.L.F./F — 9 anos — 4ª. S)

“— Na rua, com carrinho de Rolimã... Eu gosto mais de brincar na rua, porque lá tem mais espaço, tem mais gente...” (L.E.C./M — 9 anos — 2ª. S)

“— É na rua que eu brinco mais. Lá na rua é que eu gosto mais. Lá eu jogo bola com meus amigos, ando de bicicleta, converso...” (M.A.D./M — 8 anos — 2ª. S)

“— Eu gosto na rua, mesmo. Porque a gente brinca de várias brincadeiras... Tem vez que a gente brinca de Vôlei, de Bola-queimada, Futebol...” (L.U.S./M — 8 anos — 2ª. S)

As diversas brincadeiras mencionadas pelas crianças que observei formam uma lista bem maior e bem diversa daquela feita por via do que me disseram os professores sobre seus alunos. Os meninos disseram brincar de Futebol, Stop, Bola-queimada, Rouba-bandeira, Pega-pega, Cola-cola, Rela-aumenta, Vôlei, Basquete, Alerta-cor, Corrida, Bete,

Burquinha, Pé-na-lata, Mãe-da-rua, Dama, Corre-galinha, Três-corte, Bugaio, Pião, Verdade-ou-desafio, Quebra-cabeça, Passa-anel, Jogo-da-velha, Trilha, Videogame, Game-de-mão, Baralho, Banco-imobiliário, Dado, Boneca, Casinha, Escolinha, Hominho, Esconde-esconde, Telefone-sem-fio, Polícia-ladrão, Carrinho, Bilboquê, Amarelinha, Duro-mole, Balança-caixão, Televisão, Computador, Desenho, Venda, Passear-na-fazenda, Skate, Roller, Rolimã, Corda, Elástico, Capoeira, Subir em árvores, Perna-de-pau, Pé-de-lata, Lenço-atrás, Cirandinha, Bicicleta, Bambolê, Correr com o cachorro...

A análise comparativa desta lista e daquela dos professores vem demonstrar que a escola — a sala, a quadra, o pátio — é um espaço de conflito entre o querer brincar da criança — livre, clandestina ou teimosamente — e o querer “administrar” — organizando, interditando, separando — o fazer do espírito e o viver do corpo. Finalmente foi possível ver de perto ao menos por conta do estudo de um caso ou de uma pequena escola do Paraná, que o espaço da quadra — da Educação Física da Escola — poderia vir a ser o espaço da harmonia entre a brincadeira infantil presente no entorno escolar e aquela, “pedagógica”, permitida ou instituída no interior da escola.

#### Bibliografia:

- BENJAMIN, Walter. “Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação”. São Paulo: Summus, 1984.
- BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e Companhia*. São Paulo: Cortez, 2004.
- BROUGÈRE, Gilles. “Jeu et Éducation”. Paris: L’Harmattan, 1995.
- CAILLOIS, Roger. “Les jeux et les hommes: le masque et le vertige”. Paris: Gallimard, 1967.
- CAMARGO, Luiz O. de Lima. “Educação para o Lazer”. São Paulo: Moderna, 1998.
- CHÂTEAU, Jean. “O jogo e a criança”. São Paulo: Summus, 1987.
- CHOMBART de LAUWE, Marie-José. “Um outro mundo: a infância”. São Paulo: Perspectiva/EDUSP, 1991.
- FORQUIN, Jean-Claude. “Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar”. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- FRIEDMANN, Adriana et alii. “O Direito de Brincar”. São Paulo: Scritta/ABRINQ, 1992.
- GOMES, Cleomar F. Meninos e brincadeiras de Interlagos: um estudo etnográfico da ludicidade. Tese de Doutorado. São Paulo, USP/FEUSP, 2001.
- GOMES, Cleomar F. Rasteiras e pontapés ou brincadeiras de escola? Ouvindo professores e alunos pré-adolescentes. In *Imaginário do medo e cultura da violência*. Niterói: Editora Intertexto, 2004.
- HUIZINGA, Johan. “Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura”. São Paulo: Perspectiva, 1990.

- GUDSDORF, Georges. *Professores para quê? Para uma Pedagogia da Pedagogia*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- JONES, Gerard. *Brincando de matar monstros: porque as crianças precisam de fantasia, videogames, e violência de faz-de-conta*. São Paulo: Conrad livros, 2004.
- JONES, N. Blurton. Estudos etológicos do comportamento da criança. São Paulo: Pioneira, 1981.
- ISHIMOTO, Tizuko M. “Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação”. São Paulo: Cortez, 1997.
- LIMA e GOMES, Icléia R. de. “A escola como espaço de prazer”. São Paulo: Summus, 2000.
- LORENZ, Konrad. A demolição do homem — crítica à falsa religião do progresso. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- MAFFESOLI, Michel. “O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa”. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- PERROTTI, Edmir. “Confinamento cultural, infância e leitura”. São Paulo: Summus, 1990.
- ROCHA, Ruth. “Admirável mundo louco”. Rio de Janeiro: Salamandra, 1986.
- ROSAMILHA, Néelson. “Psicologia do jogo e aprendizagem infantil”. São Paulo: Pioneira, 1979.
- SANTIN, Silvino. “Educação Física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento”. Porto Alegre: Edições EST, 1994.
- SEMPÉ, Jean-Jacques et GOSCINNY, René. “Le Petit Nicolas”. Luçon – France: Éditions Denoël, 1996.
- SNYDERS, Georges. “Alunos felizes”. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- STEINBERG, Shirley R. & KINCHELOE, Joe L. *Cultura Infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

*Cleomar Ferreira Gomes*  
[gomescleo@yahoo.com.br](mailto:gomescleo@yahoo.com.br)